XI Colóquio Internacional
"Educação e Contemporaneidade"
São Cristóvão/SE/Brasil
21 a 23 de Setembro de 2017
ISSN: 1982-3657

Recebido em: 09/07/2017
Aprovado em: 09/07/2017
Editor Respo.: Veleida Anahi Bernard Charlort
Método de Avaliação: Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

A MULHER NEGRA EM CORDÉIS DE JARID ARRAES: UMA PROPOSTA DE COMPREENSÃO LEITORA

RUBIANE VIEIRA DE JESUS

EIXO: 21. MESTRADO PROFISSIONAL, PESQUISA APLICADA NO ENSINO E NA SALA DE AULA

RESUMO: Este trabalho é o excerto da sequência didática elaborada a partir da proposta desenvolvida no PROFLETRAS para unir a prática da leitura com discussões sobre raça e gênero. Percebemos, em sala de aula, a ocorrência de comentários preconceituosos em relação a mulher negra e, ao propor a análise de cordéis que retratam a importância delas nas obras de Jarid Arraes, esperamos contribuir para a proficiência leitora através das Literaturas Afro-brasileira e Popular, além de propiciar discussões que envolvem a importância de mulheres negras. O embasamento teórico, ancora nas ideias de COSSON (2012), DUARTE (2011), dentre outros. Trabalhar com cordéis com esta temática é uma alternativa de dialogar com o discente sobre a identidade negra, além de oportunizar o resgate da cultura africana que, muitas vezes, é esquecida ou feita de forma superficial nos ambientes de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: COMPREENSÃO LEITORA; CORDÉIS; MULHER NEGRA.

RESUMEN: Este trabajo es el extracto de la secuencia didáctica elaborada a partir de la propuesta desarrollada en PROFLETRAS para unir la práctica de la lectura con discusiones sobre raza y género. En el aula, percibimos la ocurrencia de comentarios prejuiciosos en relación a la mujer negra y, al proponer el análisis de cordeles que retratan la importancia de ellas en las obras de Jarid Arraes, esperamos contribuir a la competencia lectora a través de las Literaturas Afro-brasileña y Popular, además de propiciar discusiones que envuelve la importancia de mujeres negras. La base teórica, ancla en las ideas de COSSON (2012), DUARTE (2011), entre otros. Trabajar con cordeles con esta temática es una alternativa de dialogar con el discente sobre la identidad negra, además de permitir el rescate de la cultura africana que, muchas veces, es olvidada o hecha de forma superficial en los ambientes de enseñanza.
PALABRAS-CLAVE: COMPRENSIÓN LEITORA; CORDELES; MUJER NEGRA.

Introdução

As instituições públicas de ensino, espaços democráticos de aprendizagem, configuram-se como locais primordiais para discutirmos questões voltadas às culturas afro-brasileira e indígena, em consonância com a aplicabilidade da Lei 10.639/2003, que obriga o ensino da História e Cultura Africana, Afro-Brasileira nos ambientes escolares e que foi alterada pela Lei 11.645/2008, que contempla os povos indígenas. Em meio a discussões que acontecem de forma unilateral e são voltadas para a formação de estudantes acríticos nas chamadas escolas sem partido, questões pautadas na igualdade entre gênero, sexualidade, raça, etnia e toda postura ideológica necessitam de espaços de discussão como forma de arrefecer toda e qualquer ação pautada no desrespeito, preconceito e discriminação.

Decorrida mais de uma década da implementação da Lei 10.639/2003, a sua aplicabilidade parece ser uma realidade distante em nossas escolas. Em uma sociedade multicultural, nosso ensino continua a propagar uma representação unidimensional da cultura eurocêntrica e relega ao negro uma representatividade secundária, aspecto esse ainda transmitido por uma parcela de professores aos seus alunos. E o livro didático, suporte mais utilizado em sala de aula,

comumente utiliza situações pejorativas para retratar negros e indígenas, quando estes últimos têm algum espaço nesses materiais. As aulas que analisam questões relacionadas a afrobrasilidade acontecem, em considerável parte de nossas instituições escolares, com um ensino conteudista e sem a preocupação devida à temática. O conhecimento da cultura negra como parte imprescindível no processo de respeito e valorização geralmente são analisadas em segundo plano, mesmo com algumas tentativas de superação desta problemática.

Os espaços escolares, na prática, não conseguem oferecer ao alunado, de forma eficaz, a instrução necessária para o desenvolvimento, de forma autônoma, de aspectos como a competência leitora e a produção escrita dos variados gêneros textuais existentes. É visível que estes ambientes estão defasados e necessitam de estratégias que aproximem o alunado ao propósito de formar cidadãos capazes de enfrentar desafios. Além do mais, as escolas têm uma batalha constante com outras atividades consideradas por eles mais atrativas e interessantes, a exemplo das mídias tecnológicas e que nós professores não estamos preparados para unir esse meio tecnológico com a prática da leitura.

Grande parte de alunas e alunos oriundos de escola pública não tem o hábito de ler e, consequentemente, esse processo não desperta sua visão ativa de compreensão textual. Dessa forma, o leitor construtor do sentido e sujeito ativo nesta prática, perde espaço para um leitor que vê a leitura somente como obrigação em feitura de atividades escolares, sem uma visão reflexiva do que é lido.

O Programme for International Student Assessment (PISA), desenvolvido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), analisa se alunas e alunos com idade entre 14 e 15 anos conseguem, através de exames, reproduzir os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de estudo nas disciplinas Língua Portuguesa, Matemática e Ciências. No Brasil, este diagnóstico é realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), através da Prova Brasil, em discentes do 9º ano das séries finais do ensino fundamental. Ao tomarmos como base estes matérias, observamos que, em relação à leitura, nosso principal foco neste artigo, 50,99% dos estudantes estão abaixo do nível 2 e 0,14% está no grau máximo e, dentre os 15 estados que ficaram abaixo do nível nacional, a Bahia está dentre eles. O nível 2 é o menor grau para a pessoa conseguir, através das habilidades da leitura, exercer a cidadania.[1] Sob essa perspectiva, percebemos uma quantidade elevada de discentes que somente decodifica as palavras sem conseguir construir o entendimento necessário para a promoção de seu conhecimento. É necessário refletirmos sobre quais ideias que são produzidas por esse grupo, a partir da leitura e sua percepção.

A proposta de trabalhar com o alunado sobre temas envolvendo mulheres quilombolas surgiu ao observar diversas situações que estudantes do sexo masculino, predominantemente negros, discriminam suas colegas negras. E em situações como essa, podemos atrelar questões envolvendo protagonismo e empoderamento feminino em estratégias de leitura como forma de reflexão sobre a importância do respeito ao próximo

A escolha do uso da literatura de cordel é uma estratégia para que alunas e alunos tenham contato com a cultura popular e valorizem suas raízes nordestinas. Além disso, é um meio de colaborar para uma mudança significativa na concepção ainda tradicionalista de codificação e decodificação de palavras, e aproveitar que é papel da escola “possibilitar ao aluno o domínio do gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, de modo a ser capaz de compreendê-lo, produzi-lo na escola e fora dela". (Koch e Elias, 2009, p. 74)

Nosso papel, enquanto educadores, é promover a mediação de discussões e aprendizado de forma que alunas e alunos, a partir do diálogo, transmitam as opiniões ali discutidas para o meio social de sua convivência. E a prática e a exploração da literatura no ambiente escolar configuram-se como valiosas formas de promoção para um educar de qualidade.

O texto literário na promoção da competência leitora

A exploração da literatura no ambiente escolar é uma valiosa forma de promoção para um educar de qualidade e o uso da leitura é a principal forma de aprimorar o intelecto humano. Nesta perspectiva, precisamos de um olhar especial para essa aprendizagem que ela também transforme nossas práticas pedagógicas e, consequentemente, modifique nossas estratégias de ensino.

Com o intuito de ajudar nos processos dinâmicos que fazem parte do aprendizado, bem como permitir que o

educando leia, fale e tenha posicionamento crítico-reflexivo, é necessário o desenvolvimento de estratégias que o estimule, nas mais diversas formas de expressão oral e escrita, resgatar o hábito prazeroso de ler e assim promover o domínio crítico da língua vernácula como meio de auxiliá-lo na expansão de suas ideias.

Para a escritora Isabel Solé, para que uma pessoa se envolva em qualquer atividade relacionada a leitura é preciso que ela se sinta capaz de ler e compreender o texto, seja de fora autônoma ou ancorada em leitores mais experientes. Para ela, a leitura de verdade consiste naquela que "realizamos os leitores experientes e que nos motiva, é a leitura na qual nós mesmos mandamos: relendo, parando para saboreá-la ou para refletir sobre ela." (SOLÉ, 1998, p.43)

Ao promovermos a leitura baseada na concepção dialógica da língua, percebemos a possibilidade de desenvolvimento e o crescimento do leitor que é, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN),

> Alguém que compreende o que lê; que possa aprender também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (BRASIL, 1998, p. 54).

Ao idealizar a escola como o espaço que promove a acessibilidade da mediação cultural, a ideia do professor como mero transmissor de conteúdos e conhecimentos perde espaço para uma educação cujo docente atua como figura intermediadora neste processo e recebe o importante papel de auxiliar a reconstrução do aprendizado de alunas e alunos que, posteriormente, serão protagonistas de sua formação crítica. É mais do que necessário, construir com elas e eles a prática de buscar informações, superar desafios, e assim, ter a oportunidade de uma prática autônoma da leitura reflexiva.

Antunes (2009, p. 36, 37) analisa que, para ocorrer esse processo de uma leitura com real sentido, é necessário fazer uso de meios que estimulem o educandas e educando a ler, além de traçar estratégias para que este seja um hábito constante em sua vida cotidiana. Ao tratarmos a literatura como possibilidade de desenvolvimento de posições ativas diante da realidade que as (os) estudantes estão inseridas (os), os Parâmetros Curriculares Nacionais analisam que:

> A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea). (BRASIL, 1998, p. 37).

Ao criar inúmeros significados, não podemos negar a importância do letramento literário no ensino, pois a plurissignificação de ideias contidas na literatura auxiliara alunas e alunos na visão crítica de mundo e, consequentemente, na promoção do conhecimento.

As mulheres na construção de espaços de poder

Intitulado *A mulher negra em cordéis de Jarid Arraes: uma proposta de compreensão leitora*, este trabalho tem como intuito proporcionar aos educandos acesso a história de luta, poder e resistência de mulheres quilombolas que fizeram parte de nosso passado. Esta proposta é também uma forma de valorização da mulher no processo de construção da identidade negra, através da leitura crítica e reflexiva. A temática está voltada para o empoderamento da mulher e sua contribuição para nossa história guerreira, a partir de cordéis de figuras como Acotirene, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Eva Maria do Bonsucesso, Luísa Mahin, Maria Felipa, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Tia Simoa.

Na historiografia, a origem de algumas dessas quilombolas é permeada de controvérsias, pois quase não existem relatos sobre a vida e seus atos. Mas não podemos negar que, fictícias ou não, estas figuras nos proporcionam reflexões essenciais relacionadas a resistência feminina e ao processo dominante de escravidão. Nestas obras, elas são protagonistas da luta e resistência, ao recusarem a condição submissa e subserviente impostas pela escravidão. Em abordagens pontuais sobre o tráfico humano, as histórias contadas nos cordéis nos fazem refletir sobre o processo de violência, domínio e extermínio sofridos pela população negra.

Percebemos, com isso, que as literaturas consideradas por muitos como marginais ainda não são consideradas significativas por parte da sociedade. Propositadamente, os escritores que se propõem a discutir esta temática ainda sofrem um apagamento, são esquecidos ou sofrem o processo de invisibilidade na literatura. Vemos então, com isso, o quanto é necessária esta discussão. Tomemos como base o autor Eduardo Assis, na obra Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra, que salienta a quantidade de escritores negros e afrodescendentes que sofrem, declaradamente, um processo de apagamento e invisibilidade. Neste sentido, precisamos:

> Ampliar a visibilidade e aprofundar a reflexão a respeito da escritura dos afro-brasileiros no passado e no presente. A omissão da maioria desses autores é comum nas obras de crítica e historiografia literárias, responsáveis pela institucionalização do cânone. (DUARTE, 2001, p. 19)

Ao negro, ainda cabe uma visão preconceituosa e estereotipada. Expressões pejorativas utilizadas, a ideia que o negro só serve para estar à margem da sociedade, a cor negra como sinônimo de tristeza e escuridão, o belo como a cor clara, o estético transmitido como o modelo padrão e muitos outros equívocos são visíveis em nosso meio social. E muitas escolas, centros de desenvolvimento e formação do indivíduo, ainda utiliza o livro didático, material mais acessível ao alunado e que geralmente propaga visões estereotipadas do negro, como única opção para desenvolvimento em uma classe. Muitos destes difundem em seus textos, de forma geralmente velada, preconceitos e práticas racistas. Segundo Silva:

> “O livro didático, de modo geral, omite o processo histórico–cultural, o cotidiano e as experiências dos segmentos subalternos da sociedade, como o índio, o negro, a mulher, entre outros. Em relação ao segmento negro, sua quase total ausência nos livros e a sua rara presença de forma estereotipada concorrem em grande parte para a fragmentação da sua identidade e auto estima” (SILVA, 1995, p. 47).

Não temos dúvida, porém, que eles devem ser utilizados como material de apoio, até mesmo por ele ser o recurso mais acessível aos professores em sala de aula, mas seu uso precisa ser ressignificado. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004. p.21) preconizam que:

> Datas significativas para cada região e localidade serão devidamente assinaladas. O 13 de maio, Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo, será tratado como o dia de denúncia das repercussões das políticas de eliminação física e simbólica da população afro-brasileira no pós-abolição, e de divulgação dos significados da Lei Áurea para os negros. No 20 de novembro será celebrado o Dia Nacional da Consciência Negra [...] Entre outras datas de significado histórico e político deverá ser assinalado o 21 de março, Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial.

As discussões que deveriam ocorrer diariamente, com objetivo de despertar a criticidade de educandas e educandos, geralmente, não acontecem. Precisamos lembrar constantemente que o dia de luta, resistência e combate aos mais diversos crimes étnicos não precisa ficar condicionado a datas e deve vir sempre acompanhado de reflexão constante. Esta é uma forma de fortalecer o povo negro além de contribuir para o fortalecimento feminino atual em uma sociedade que se considera branca e é preconceituosa, discriminatória e sexista.

No que se refere à leitura e compreensão leitora, a literatura de cordel, além de ser uma fonte de incentivo ao ensino da literatura, é uma proposta relevante para auxiliar no reconhecimento e valorização da nossa afro-brasilidade. A literatura é vista como arte. E a arte dos cordéis, que utiliza de sua simplicidade para focalizar grandes problemas do nosso cotidiano, ainda é pouco estudada e utilizada nas escolas, apesar percebermos um avanço considerável em sua propagação. Segundo SANTOS (2006, p. 73), o folheto constitui assim uma nova via de aprendizagem da realidade: a apreensão dos novos problemas sociais, políticos ou técnicos, torna-se possível por uma linguagem poética e uma estrutura narrativa conhecidas e que foram o objeto de um processo de assimilação coletiva.

Mulheres negras analisadas em uma proposta de intervenção pedagógica

Situado no município de Cruz das Almas, Recôncavo Baiano, o colégio escolhido para a aplicação da proposta de intervenção pedagógica está localizado no perímetro urbano da referida cidade. Os participantes são 35 discentes do 8º ano, no turno vespertino, cuja idade variante entre 13 e 15 anos. A ideia é trabalhar com esse alunado através da compreensão leitora na aulas da disciplina Língua Portuguesa, sobre mulheres quilombolas, luta, conquistas, poder e resistência

Esta proposta de intervenção pedagógica objetiva, prioritariamente, promover a leitura crítico-reflexiva em discentes, além de proporcionar uma educação democrática no que tange ao acesso da literatura afro-brasileira como forma de valorização e pertencimento da figura negra. O contato inicial com a turma se deu com a aplicação dos questionários socioeconômico e pedagógico e da atividade diagnóstica, que serviu como base para traçarmos um perfil da turma. As questões desta última foram voltadas para a leitura através da literatura de cordel com temática voltada para a afrobrasilidade. Foi realizada a partir da leitura da poesia popular intitulada *Discutindo a lei 10.639*, de autoria do professor e cordelista baiano Antonio Carlos de Oliveira Barreto e as perguntas elaboradas tiveram como base os descritores de Língua Portuguesa relacionadas aos procedimentos de leitura.

Após estudo das respostas dos sete questionamentos realizados, percebemos a necessidade desenvolvermos atividades pautadas na leitura para a expansão das habilidades de educandas e educandos. Além disso, questões envolvendo a cultura afrodescendente precisam ser estudadas, com o propósito de desmistificar ideias equivocadas percebidas nas respostas de grande parte de alunas e alunos que mesmo com acesso, através de projetos e discussões voltadas para esta temáticas, muitas concepções necessitam de uma reflexão. Assim, os cordéis escolhidos para a aplicação da proposta de intervenção pedagógica são de autoria da cordelista Jarid Arraes[2], que possuem em média vinte e oito estrofes e relatam a vida dessas mulheres bem como a forma utilizada por elas para sobreviver em um meio social preconceituoso e discriminatório.

Esta proposta será realizada em oito etapas e duração de vinte aulas, no segundo semestre do ano de 2017. A primeira, intitulada *Leitura que transforma,* tem a proposta de aquecermos a prática de leitura, através da exposição de varais de leitura, levantamento dos conhecimentos prévios, discussões temáticas e produção escrita, a partir das atividades realizadas em sala de aula. Posteriormente, na etapa *O conhecimento da afrobrasilidade: hora de falar de negritude,* educandas e educandos terão acesso a músicas, discussão sobre estereotipia e preconceito e farão pesquisas através do celular e atividades orais e escritas. A terceira etapa, nomeada de *Cordéis: a literatura popular contada em versos*, vem com a ideia de expor uma entrevista cm uma cordelista da cidade, análise do cordel sobre a Consciência Negra que é cantado por Bráulio Bessa, discussão temática, escolha dos temas para estudarmos nas aulas subsequentes e atividade escrita. Nas próximas quatro partes da sequência cujo título é *Mulheres negras e sua força através da leitura de cordéis,* alunos e alunas serão convidados e convidadas à prática da leitura reflexiva dos cordéis anteriormente escolhidos. As questões relacionadas a estes textos foram baseadas nos descritores e esse é o ápice de nossa proposta, ao promover o diálogo crítico entre autor e leitor. E, por fim, as três últimas etapas têm intuito de elaboração, entrevista com a autora dos cordéis e avaliação da proposta.

O uso das redes sociais será de extrema importância para a execução da proposta, ao entendermos que o grande desafio da prática educativa, em tempos atuais, é como utilizar os meios tecnológicos de forma que auxilie o desenvolvimento intelectual de alunas e alunos, se nós, professores, não estamos habituados a usar esses recursos em sala de aula.

Conclusão

A escola é o espaço de mediação do aprendizado. Juntamente com os atores sociais que a compõe, ela constrói valores essenciais para a formação cidadã do leitor. Acreditamos no êxito desta proposta e esperamos que esta dê subsídios para que os (as) discentes desenvolvam a leitura pautada na postura crítico-reflexiva, além de resgatar aspectos da literatura afro-brasileira que, muitas vezes, é vista de forma bem superficial.

A partir das leituras e discussões sobre a importância da mulher negra na história e formação da cultura afro-brasileira, podemos fomentar em alunas e alunos a ideia de aquisição de uma postura ativa em seu aprendizado discussões sobre o poder da mulher negra. Com isso, contribuir para a formação de leitores conscientes que consigam relacionar as temáticas que foram abordadas nos cordéis com seu conhecimento de mundo, em aulas com dinamicidade e participação.

---

[1] Disponível em http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf Acesso em mar. 2017

[2] Jarid Arraes Batista nasceu em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 12 de Fevereiro de 1991. É escritora, cordelista e autora do livro "**As Lendas de Dandara".** Atualmente vive em São Paulo (SP), onde criou a Terapia Escrita, media o Clube da Escrita Para Mulheres e o Clube Leitura Independente. Até o momento, tem mais de 60 títulos publicados em Literatura de Cordel, incluindo a coleção **Heroínas Negras na História do Brasil. Disponível em:** https://jaridarraes.com/sobre/ Acesso: out. 2016

Referências

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ARRAIS, Jarid. **As heroínas negras do Brasil**. Disponível em http://jaridarraes.com/2016/08/30/lancamentos-heroinas-negras-do-brasil-e-lendas-da-africa/. Acesso em 22.07.2016

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2.ed,2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

DUARTE, Eduardo Assis. **Entre o Orfeu e Exu, a Afrodescendência toma a palavra**. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). Literatura e afrodescendência no Brasil. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEF, 2008.

_____**Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Gráfica Brasília, 2000.

_____. **Lei 10639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm Acesso em 17.03.2016

_____. **Lei 11.465/08, de 10 de março de 2008**. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em 25.07.2016

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CED- Centro Editorial Didático e CEAO - Centro de Estudos Afro - Orientais, 1995.

SOLÉ, Isabel; SCHILLING, Cláudia. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Mestranda do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus* V.